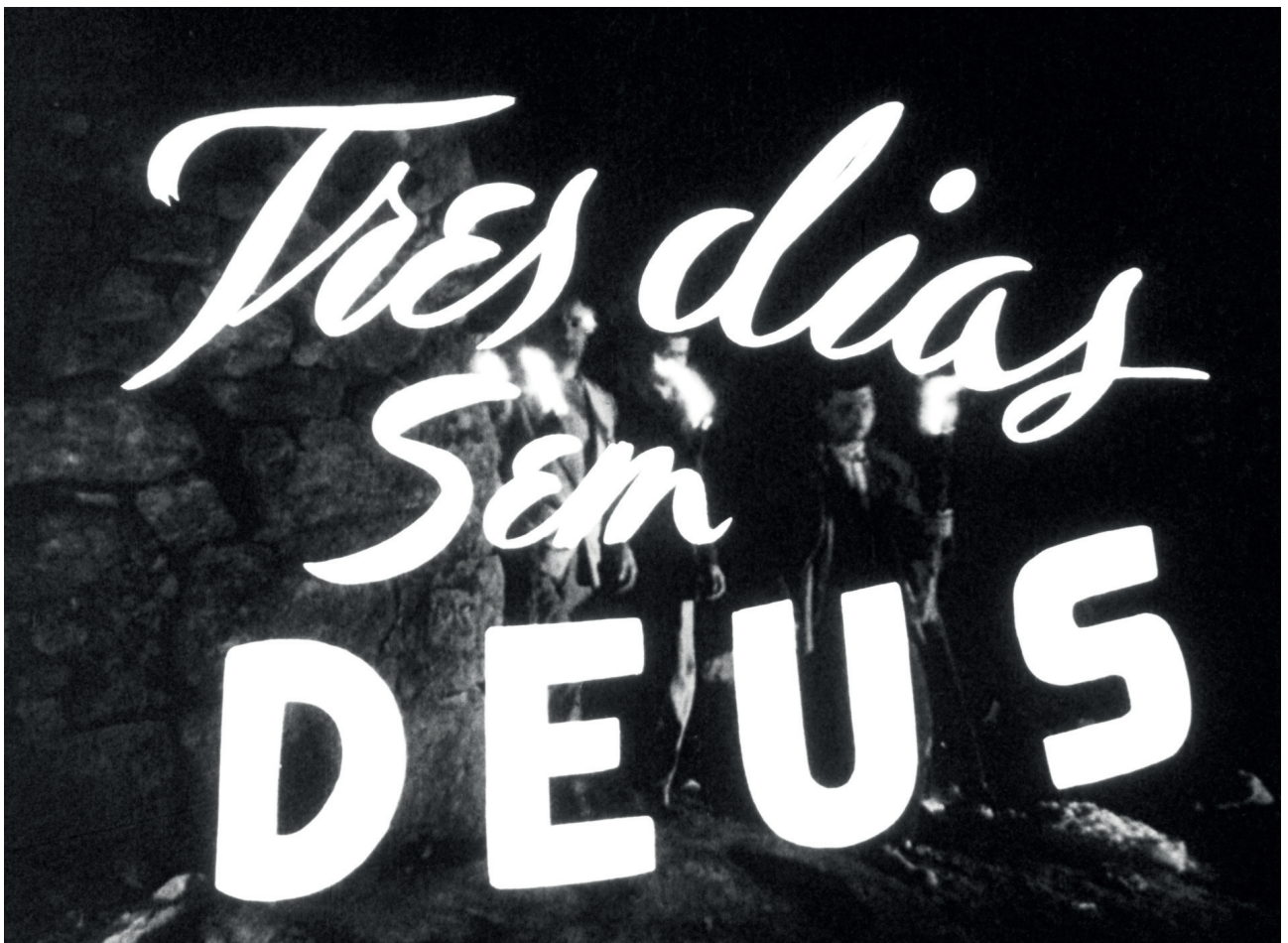


cinemateca portuguesa-museu do cinema



um filme de **Bárbara Virgínia**
Portugal, 1946



FICHA TÉCNICA

Realização: **Bárbara Virgínia**

Argumento: **Raúl Faria da Fonseca, segundo *Mundo Perdido*, de Gentil Marques**

Adaptação: **Bárbara Virgínia**

Diálogos: **Fernando Teixeira**

Fotografia: **António Matos/Tony**

Música: **Carlos Rocha Pires**

Som: **Enrique Dominguez**

Montagem: **Lutero Aço**

Assistente: **Fernando Maynard**

Produtor: **Felisberto Felismino**

Produção: **Invicta Filmes Independente**

Laboratório de Imagem: **Lisboa Filmes**

Estreia nacional: **Cinema Ginásio (Lisboa), 30 de agosto de 1946**

Estreia internacional: **outubro de 1946, Festival de Cannes**

Com: **Bárbara Virgínia (Lídia), Linda Rosa (Isabel Belforte), João Perry (Paulo Belforte), Alfredo Ruas (Vicente, o pai), Maria Clementina (Teresa, a criada do castelo), António Sacramento (Médico), Elvira Velez (Bernarda, a feiticeira), Joaquim Miranda (Tadeu, o "Charretier"), Laura Fernandes (Beatriz, a criada da escola), Jorge Gentil (Padre Alberto), Manuel Mariano (Joaquim), Casimiro Rodrigues (Januário), Álvaro Rocha Pires (Pedro), António Marques (João)**

NOTAS SOBRE O FILME

Três Dias Sem Deus é a primeira longa-metragem de ficção realizada por uma mulher em Portugal. Bárbara Virgínia, que tinha à data da estreia 22 anos, realizou o filme e foi corresponsável pelo argumento, além de interpretar o papel principal. O filme estreou a 30 de agosto de 1946, no Cinema Ginásio em Lisboa, e viria a integrar a participação portuguesa na primeira edição do Festival de Cannes nesse mesmo ano. Dos 102 minutos de duração que o filme tinha à data da estreia sobrevivem apenas fragmentos do negativo de imagem que perfazem 32 minutos, assim como um *trailer* com quatro minutos. Não é conhecido o paradeiro do negativo de som desta obra. O filme foi preservado em 1985, tendo sido novamente preservado em 2025 no laboratório de restauro da Cinemateca após a descoberta de um novo rolo de negativo com seis minutos de imagens previamente desconhecidas.

Três Dias Sem Deus retrata a chegada de uma jovem professora primária, Lídia, a uma aldeia no interior de Portugal. Na sequência da exclusão de um dos seus alunos pelo resto da turma, Lídia dirige-se à mansão de Paulo Belforte, o pai da criança. Devido a uma súbita tempestade, vê-se obrigada a pernoitar no casarão. Quando regressa à aldeia, descobre que o senhor Belforte é temido pelas gentes, acusado de ter tentado matar a esposa e de manter um pacto com o diabo. Quando o padre e o médico da aldeia se ausentam por três dias, abre-se espaço às superstições locais e a recém-chegada mulher torna-se alvo de uma perseguição liderada pela curandeira local. Será na soturna mansão que procurará proteção, e onde se deixará envolver no ambiente mórbido em que vive aquela família. Quando um dos seus alunos adoece, e para o proteger de um curativo caseiro que o deixaria cego, Lídia leva-o para a mansão, provocando a ira e o temor dos aldeãos. Estes marcham, com tochas incendiadas, em direção à casa dos Belforte e tudo se salva com o inesperado regresso do médico e do padre que revelam a natureza piedosa de todos os envolvidos. As únicas imagens que se conservam correspondem a quatro fragmentos do filme, iniciando-se com o primeiro deles com a cena da primeira visita de Lídia à casa dos Belforte e terminando o quarto (recentemente descoberto) com a discussão entre Lídia e Paulo Belforte sobre as causas da doença da esposa deste.



TRÊS DIAS SEM DEUS - trailer

SOBRE A DIGITALIZAÇÃO

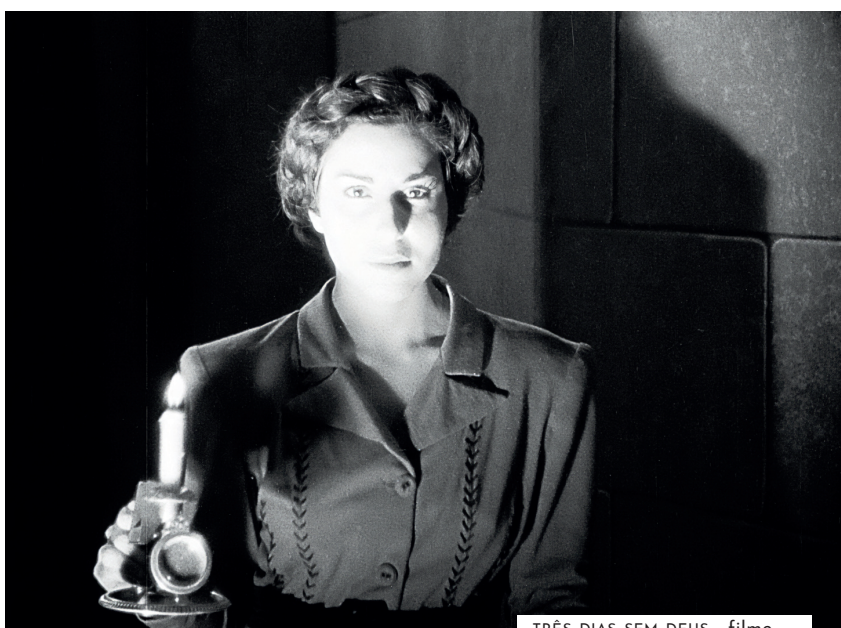
Três Dias Sem Deus - trailer

Esta cópia resulta da digitalização 4K, por imersão em janela líquida, de uma cópia síncrona de 35mm em nitrato, com som ótico, o único material deste *trailer* conservado pela Cinemateca. Este *trailer* é o único material sonoro sobrevivente do filme *Três Dias Sem Deus*, contendo imagens inéditas. A digitalização e o restauro digital foram realizadas ao abrigo de uma parceria Cineric Portugal / Irma Lucia Efeitos Especiais. A correção de cor e o restauro digital do som foram feitos pela Cinemateca, em 2025, usando a referida cópia de época como referência.

Três Dias Sem Deus - filme

Esta cópia digital resulta da digitalização 4K de um interpositivo produzido aquando da preservação do filme pela Cinemateca em 2025. O restauro digital da imagem foi feito pela Cineric Portugal e a correção de cor foi feita pela Cinemateca em 2025. A presente cópia inclui todo o material fílmico preservado, organizado narrativamente segundo a planificação anotada que foi usada e alterada durante a rodagem. Foram inseridos quatro cartões explicativos das várias cenas omissas, assim como legendas que transcrevem e adaptam os diálogos da referida planificação.

Ambas as cópias foram digitalizadas e restauradas pela Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência. Medida integrada no programa Next Generation EU.

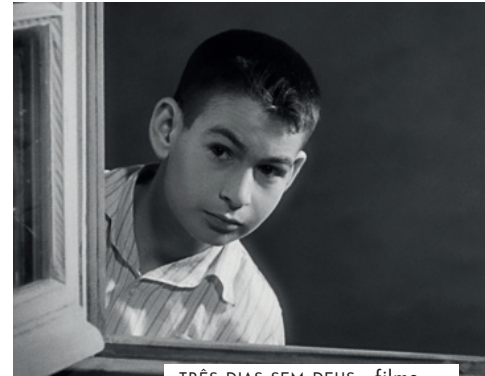


TRÊS DIAS SEM DEUS - filme

TRÊS DIAS SEM DEUS EM CONTEXTO

Ricardo Vieira Lisboa

Três Dias Sem Deus é a primeira longa-metragem de ficção realizada por uma mulher em Portugal. Embora parcialmente perdido e severamente amputado, é possível, a partir do fragmento sobrevivente, de todo o material de produção (argumentos em diferentes fases e planificações), da receção crítica na imprensa e de testemunhos (da época e contemporâneos), reconstituir (sempre de forma parcial) não o filme enquanto objeto material, mas o filme enquanto evento social e cultural. No entanto, essa não é uma tarefa propriamente fácil.



TRÊS DIAS SEM DEUS - filme

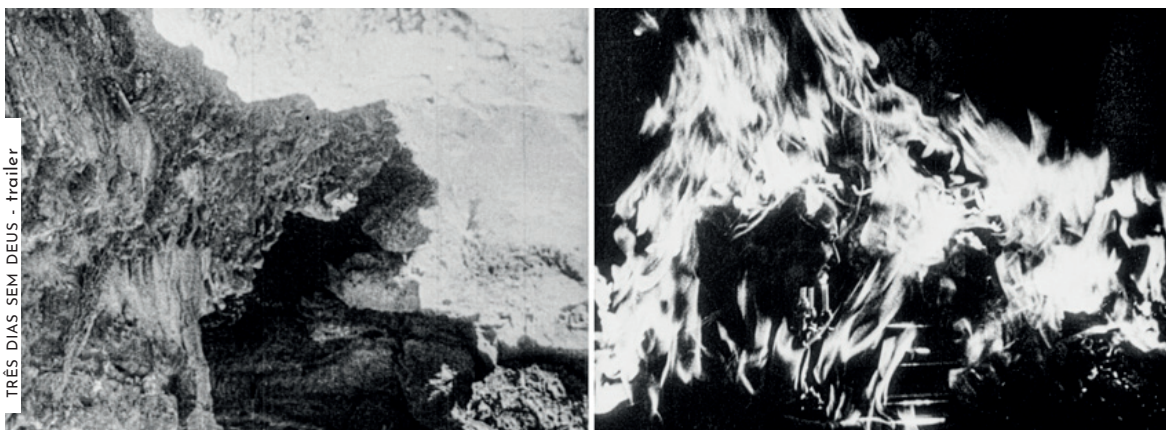
Para começar, *Três Dias Sem Deus* foi anunciado como uma adaptação para cinema do livro de Gentil Marques, *Mundo Perdido*. Só que o livro não se encontra depositado no arquivo da Biblioteca Nacional e todas as pesquisas feitas em nada confirmaram a sua publicação. Este facto pode ser justificado por se ter tratado de uma edição de autor (o que é pouco provável dada a implantação no meio literário do escritor), ou não ter chegado a ser publicado (permanecendo como um manuscrito) ou, ainda, não ter passado de “uma ideia de”. Além desse romance, aparentemente “desaparecido”, conservam-se, e sem grandes lacunas, três documentos relacionados com a produção do filme na Biblioteca da Cinemateca Portuguesa. São eles a sequência dialogada, base de planificação (1945), da autoria de Raúl Faria da Fonseca, autor da adaptação original, uma planificação do filme (visada pela censura), e uma outra planificação (anotada).

Um olhar comparativo sobre o fragmento fílmico preservado em diálogo com estes documentos de trabalho permite perceber que a porção arquivada corresponde a uma série de cenas não consecutivas que se iniciam com a chegada de Lúcia a Casal de Lobos (a casa do temido Paulo Belforte, pai de um dos seus alunos do ensino primário, Pedro), na sua primeira visita, sendo aliás o primeiro plano, aquele em que Lúcia é recebida pela criada que a deixa sozinha e se ausenta da sala. A sucessão de cenas, nos seus 32 minutos, termina no momento em que Lúcia discute com Paulo Belforte as causas da doença “de nervos” que afeta a esposa deste.

Após análise dos vários documentos e dos fragmentos, é igualmente possível afirmar, com alto grau de certeza, que a planificação (visada pela censura) corresponde de forma muito próxima à primeira planificação elaborada pela mão de Raúl Faria da Fonseca e que reproduz quase exatamente a ação descrita na sequência dialogada, base de planificação. Ao passo que a planificação (anotada) se aproxima quase exatamente das cenas filmadas, tendo por isso certamente sido elaborada em segundo lugar e usada como ferramenta de anotação durante a respetiva rodagem. Assim, do ponto de vista da compreensão das lacunas resultantes da conservação insuficiente do filme, o documento que foi seguido como mais fidedigno é o da planificação (anotada), por ser aquele que mais se aproxima do que terá sido o objeto fílmico quando terminado.

A juntar a isto, é também possível elencar várias notícias curtas que as revistas de especialidade nacionais publicavam semanalmente sobre as novidades do cinema português de

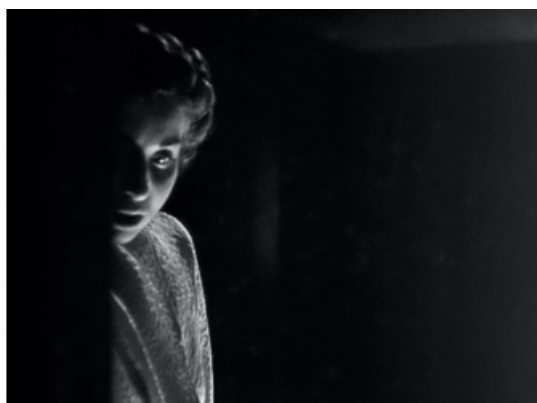
então, e assim elaborar a seguinte genealogia deste projeto e do respetivo percurso acidentado de Bárbara Virgínia: (1) Raúl Faria da Fonseca, o autor da planificação original do filme, era para ser o realizador de *Três Dias Sem Deus*; (2) por imposição da suas funções na MGM, no novo departamento de 16mm, Faria da Fonseca viu-se obrigado a viajar para os EUA a fim de uma formação especializada, o que o impediu de estar presente durante a rodagem do filme; (3) essa rodagem foi atrasada vários meses pela situação anterior mas também pela escassez de película virgem que se fazia notar nos meses após o final da Segunda Guerra Mundial; (4) Bárbara Virgínia era originalmente apenas a protagonista do filme e, em consequência da referida situação de Faria da Fonseca, terá sido convidada para tomar o seu lugar na cadeira da realização, acumulando os dois cargos; (5) a passagem de Bárbara Virgínia para a cadeira de realizadora traduziu-se numa série de alterações ao argumento (não tanto na ação, mas no tom) ao ponto de Raúl Faria da Fonseca ter feito publicar, no *Diário de Notícias*, um esclarecimento em que se afastava do projeto; (6) a rodagem de *Três Dias Sem Deus* terá decorrido entre 18 de fevereiro e 10 de março de 1946, certamente não de forma consecutiva; (7) a estreia do filme foi antecipada cerca de um mês talvez porque logo à data de estreia se anunciou a presença do filme em Cannes o que se sobreporia com a data indicada para a estreia original (a apresentação do filme em Cannes resultou de uma escolha do instituto da propaganda do Estado Novo, o recém-renomeado Secretariado Nacional da Informação); (8) houve uma boa receção nacional por parte do público (ao longo de um mês de exibição, em Lisboa, o produtor afirmou ter recuperado o seu investimento); (9) a má receção no festival de Cannes, também por uma parte significativa de crítica de cinema portuguesa, levaram a realizadora a lamentar a indicação do seu filme ao certame; (10) Bárbara Virgínia anunciou e desenvolveu vários projetos mas acabou por nunca realizar outro filme.



Este foi o primeiro e último filme de Bárbara Virgínia (há uma curta-metragem cuja realização lhe está atribuída). Se *Três Dias Sem Deus* foi a primeira longa de ficção realizada por uma mulher em Portugal, passariam mais de três décadas até que isso voltasse a acontecer. Embora não haja nem uma cópia integral, nem uma carreira enquanto realizadora que se possam celebrar, resta o fragmento que agora se dá a ver com cartões explicativos da ação e com legendas alusivas aos diálogos perdidos. Durante o processo de digitalização deste filme identificou-se a existência do quarto fragmento do filme (um rolo em nitrato, correspondente a cerca de seis minutos de imagens, que não havia sido preservado em 1985), assim como um *trailer* produzido para a distribuição do filme no Brasil, em 1949 (o filme esteve em exibição de 12 a 17 de abril desse ano, no cinema Odéon, no Rio de Janeiro). Este *trailer* inclui imagens de várias sequências até aqui desconhecidas, e corresponde ao único material conservado com banda sonora. Espera-se que a partir da difusão destes fragmentos, daquele que é um filme marcante para a história do cinema português, se possam desenvolver reflexões mais profundas sobre o cinema realizado por mulheres no nosso país.

SOBRE A REALIZADORA

Filha única duma família da burguesia lisboeta, onde nasceu a 15 de novembro de 1923, Maria de Lurdes Dias Costa inscreveu-se no Conservatório de Lisboa para estudar canto, piano, teatro e dança, e terá sido ainda com este nome que, aos 15 anos, se estreou aos microfones da então Emissora Nacional. Mas é já como Bárbara Virgínia que, uma vez saída do conservatório, se afirma na Emissora Nacional, interpretando trechos de ópera e declamando poemas. Trabalha no Teatro S. Carlos executando dança clássica. Foi colaboradora da revista *Modas e Bordados*. A sua estreia no teatro dá-se na companhia de Alves da Cunha, com a peça *O Ladrão*. Participa em várias revistas da época e a sua popularidade aumenta com a estreia, em 1945, do filme *Sonho de Amor*, de Carlos Porfírio. A 30 de agosto de 1946, estreava-se numa sala de cinema de Lisboa o filme que realizara e protagonizara, *Três Dias Sem Deus*. Este seria escolhido, juntamente com *Camões* de Leitão de Barros, para representar Portugal no primeiro Festival de Cannes que se realizou em outubro desse ano. Embora não volte mais à realização, Bárbara Virgínia continua a dar provas da sua versatilidade: tem uma carreira na rádio, onde dá voz ao popular programa *Comboio das Seis e Meia*, e recebe aplausos pelas suas interpretações teatrais, na Companhia Alves da Cunha ou na opereta de Silva Tavares *Sua Majestade o Amor*. Interpreta ainda poesia em alguns recitais. E é precisamente no final dum recital no Teatro S. Luís que um empresário brasileiro lhe propõe partir para o Brasil, onde continuará uma longa e recheada carreira artística, tanto nos teatros como na rádio e na pioneira TV Tupi. Chegou a abrir, com a mãe (chamada Bárbara Virgínia), um restaurante de comida portuguesa em São Paulo (*Aqui é Portugal*), tendo casado em 1963. Teve uma filha (também chamada Bárbara Virgínia) e passou a trabalhar apenas na rádio. Publicou cinco livros de etiqueta para “mulheres e teenagers” entre os 1972 e 1996. Faleceu em São Paulo, a 7 de março de 2015.



TRÊS DIAS SEM DEUS - filme

FILMOGRAFIA

- 1945 - **Sonho de Amor** (intérprete)
- 1945 - **Neve em Lisboa** (documentário, narração [som perdido])
- 1946 - **Três Dias Sem Deus** (realização, adaptação, intérprete)
- 1946 - **Aldeia dos Rapazes - Orfanato Sta. Isabel de Albarraque** (documentário, realização [atribuída])
- 1947 - **Aqui, Portugal** (documentário, narração)

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema tem por missão a salvaguarda e a divulgação do património cinematográfico em Portugal. Foi fundada em 1948 por um dos pioneiros das cinematecas europeias, Manuel Félix Ribeiro, e tornou-se uma instituição autónoma em 1980. Desde 1956, a Cinemateca é membro da Federação Internacional dos Arquivos de Filmes (FIAF), criada em 1938 com o objetivo de promover a conservação e o conhecimento do património cinematográfico, conjugando os esforços dos mais importantes arquivos do mundo e que conta atualmente com 183 afiliados (97 membros e 86 associados) de 75 países. Em 1996, a Cinemateca abriu um moderno centro de conservação nos arredores de Lisboa, o departamento ANIM (Arquivo Nacional das Imagens em Movimento), que é atualmente a base de todas as atividades de conservação, investigação e acesso sobre as coleções fílmicas, videográficas e digitais, assim como de aparelhos e objetos cinematográficos. Desde 1998, o ANIM possui um laboratório de restauro fotoquímico, que se tornou, entretanto, o mais completo em atividade na Península Ibérica. A Cinemateca contribui igualmente para a literacia cinematográfica no sistema de ensino obrigatório português através da sua participação no Plano Nacional de Cinema.

Até ao final de 2025, a Cinemateca Portuguesa irá digitalizar mais de 1000 filmes portugueses de longa e curta-metragem, no âmbito do Plano de Digitalização do Cinema Português em curso. Este projeto tem como missão levar o património cinematográfico às gerações atuais e futuras, contribuindo para transformar a nossa compreensão coletiva da história do cinema português, seja por restabelecer o acesso a filmes caídos no esquecimento, por recuperar obras conhecidas através da disponibilização de cópias digitais de qualidade, ou por fomentar novas sinergias de programação.



TRÊS DIAS SEM DEUS - trailer